

POESIA

Marcos Satoru Kawanami

SONETO DA CAGÜETA

Idéia fixa não tem solução,
não tem nem mais aquele nosso acento...
— aqui, aproveitando, eu apresento
legítima e brazuca insubmissão! —

Fazer o quê? Quem manda na nação
tirou da minha ideia o incremento,
e, agora, eu pronuncio contra o vento
conforme fez Bocage em seu calão.

Fixei em meu talante idéia escrota
de ver o Manuel na hora H
colhido a fornicar com a Mulata.

Ainda era eu garoto, e uma garota
no igual costume escroto de espiá
cagüetou minha idéia — aquela chata...

Nhandeara, 11 de julho de 2013

CARAVANA

Eu sei que não saber não dá ciência,
a mim, do que não sei, sabendo ou não,
de tudo que, com lógica e razão,
conheço e sei que sei, por evidência.

Conduz-me tosca mão, rapaz prudência,
contudo, se é o saber a devoção
à qual, estulto, entrego o coração
no torpe turbilhão das aparências...

Pondero que não há que mais saber,
nem houve nunca, desde aquele pomo,
que vem se deglutindo sem querer.

A bem desses milênios, quê hoje somos
além de caravana a percorrer
o espaço numa busca do que fomos?

Nhandeara, 17 de julho de 2013

Por Que o Mundo Existe?

Se Deus permite o mal, há um motivo,
que é transformá-lo em bem —só pode ser—;
eis a razão do nosso padecer
nas garras do pecado assim cativos.

Vivia o pai Adão como um nativo
silvícola tupi, a bem dizer;
e o pranto lhe foi dado conhecer,
a fim de o júbilo sentir mais vivo.

Pois “tudo se encaminha para o bem”,
comenta o Catecismo com justeza
aos crentes pela fé e na razão.

Deus fez o mundo —a isto digo amém—
para que se expandisse a singeleza
do Seu amor em cada redenção.

OS NORMAIS

Fode-se muito bem em Portugal,
dizia minha noiva na missiva
em réplica à mais pronta das esquivas,
quando eu firmei o pé em chão natal.

Queria minha noiva o conjugal
enlace consumir em carne viva
na aldeia de seus pais, a mais festiva
da terra que inventou o bacalhau.

Fode-se muito bem cá no Brasil,
não posso enviar-te por Sedex
o meu caralho: dura lex sed lex.

Outrossim, vai pra puta que pariu!
— respondi pondo fim ao meu noivado,
e, enquanto eu danço funk, ela ouve fado...

Nhandeara, 21 de julho de 2013

NÃO SÓ DE PÃO VIVERÁ

—Eu não sou mais criança pra morar
na zona deste baixo meretrício;
na minha escola, aprendem a ter vício
os toscos animais a se enjaular.—

A jovem começou a questionar
a escola igual quem pede um armistício;
criança não é mais, disso é indício
o nome que está dando ao próprio lar.

Percebe que difere da matéria
humana, ainda que bruta, mas humana
na bárbara postura da miséria.

Miséria não de pão, porém na gana
pra ter a vida envolta em vida séria,
sentindo Deus no além que dEle emana.

Nhandeara, 26 julho de 2013

AGRICULTURA ORGÂNICA

Enquanto que em países como a Holanda
orgânica é lavoura que se preza,
Brasil, e até a Índia agora, reza
a química nociva sarabanda.

De cima, tosca é a ordem, mas comanda,
e adubam com minério e com proeza,
veneno é garantia de riqueza,
e a carne também entra na ciranda...

Quem come o lixo todo somos nós,
os povos que não têm patriotismo,
na guerra silenciosa das nações.

A guerra dos mercados, onde vós,
malandros que fazeis politiquismo,
otários sois nas próprias refeições...

Nhandeara, 31 de julho de 2013

DEU A VIDA PRA SALVAR A BUNDA

Eu vi Tereza andando vacilante
acerca de umas juras sem amor
que Orestes insistia, e com pudor,
em lhe cantar em verso, feito um Dante.

Pensei e agi, falei no mesmo instante:
—Tereza, tem cuidado, por favor
de tua própria bunda a aguda dor,
pois ele é sodomita, não te espantes...

Estando precavida, foi Tereza
sem mais poder conter-se, tão jucunda
sentia sua estima à pica tesa.

Porém, na xota, foi-lhe assaz profunda
a foda, que a gazeta de hoje reza
que “deu a vida pra salvar a bunda”.

Nhandeara, 28 de outubro de 2012

VÊNUS ETERNIZADA - acróstico

Calado na clausura assaz vibrante
ainda da virgínea mocidade,
rimando em verso heróico, feito um frade
irmana-se ao que vê e o além distante,

nasceu em mim o eu-lírico cantante
exímio em provocar a urbanidade...
Milo recebe a Vênus por beldade
outrota, peladona ao peito amante;

retive, sofreei, de minha parte,
a verve que tal musa move ao verso:
narrei a vida como a é em Marte(?!);

de pois é que encontrei-me no Universo
inusitadamente, ao léu da Arte.
Eternizei-te, essência, e sou disperso...

Nhandeara, 2 de novembro de 2012

ACRÓSTICO A FRANCISCA

Forjado a ferro e fogo é o mundo feio,
risonho mas cruel, civilizado(?),
alheio mesmo à unção do batizado
negado ou esquecido em tanto enleio;

cismando quanto a isso, assim eu creio,
indago por que sou aventureado,
senão em tudo, em tudo contentado,
cuidando ver o bem no mal alheio,

alheio do meu mal no alheio alheio.
Muitíssimo feliz, um totalmente
aqui se encaixa na definição;

total só pode ser, é pra que veio,
o lapidar feliz de tão contente
sem ismos otimismo, a Redenção...

Nhandeara, 6 de novembro de 2012

SONETO HEBREU

Hebréia, não permitas tu que eu morra
de amor, paixão, desejo! E, num harpejo
em sustenido ao dó de peito, arquejo:
—Feriu-me na cabeça alguma porra?

Romântico é jogar-se na masmorra;
romântico não sou, mas, ora vejo,
sou emo, dá no mesmo se o ensejo
apenas troca a touca pela gorra...

Hebreia, ver-nos-emos num sorriso;
se ver nos emos algo hilário é pouco,
cai dura: o dó de peito fez-me rouco.

Entanto, hebreu que sou sem quatro sisos
na boca, beijarei teus pés hebreus
no ninho sempre nosso aos pés de Deus...

Nhandeara, 8 de novembro de 2012

O ATO

Cortei-me a jugular, e ela sorriu,
jogando-se na poça lá da rua;
queria se afogar, e morrer nua,
bonita como aqui nunca se viu!

O sangue todo à porra me acudiu,
curando o sangramento, e em carne crua,
a um pedregulho roxo sinto a pua,
que a bela, afoita, enfia no xibiu...

Rolamos num lameiro bestial
com sôfregos apupos sem cessar
por trinta dias, que é nosso costume.

E, de tal ato ao talhe angelical,
o casto ventre seu nos vem a dar,
à luz de nossos olhos, novo nume...

Nhandeara, 10 de novembro de 2012

CORINTHIANS x PALESTRA

Aquele aluno aplicado, phylosóphyco, cheio de tesão pra dar, que fica olhado a paisagem na aula, e eu imagino que é por causa da rapariga gostosa lá fora, de repente me vem com escrotidão:

- Deus existe?
- Comé que é?, seu puto.
- Existe ou não, é ou não é? Mais ou menos é medida de cu.

Olhei pela janela, um tremendo verão da porra, o asfalto fumegando feito aqueles filminho da savana que passa na TV Escola pra ensinar: tá reclamando do salário?, professor, olha lá que merda é na África... Senti a cabeça fumegar também, que o telhado todo da escola é de amianto, e... ah, férias na África...

- Quer saber? O que eu sei é que eu não existo, tu não existe, esta porra de escola não existe, e tu tá inventando tudo aí do nada, que também não existe!
- Hã?
- Meu filho, o que existe é Corinthians e Palmeiras, e um não existe sem o outro. Valeu?
- Valeu, professor. O senhor toma remédio?
- Quem toma remédio é tua mãe, só não tomou para ter você.
- É..., acho que tem uma história dessas lá em casa.
- Mas só se preocupe com Corinthians e Palmeiras, mesmo que tu for são paulino ou peixe, atleticano ou raposa.
- Por quê?
- Porque este ano o Corinthians vai ser campeão do mundo, sinal dos tempos... E o Palmeiras já está rebaixado.
- E daí, fessor?
- Daí que 2012 é o fim do mundo mesmo, seu porro! Corintiano não é mais sofredor, nosso passaporte deixou de ser bilhete de metrô; e ano que vem não há Corinthians vs Palestra. Acabou-se tudo.
- Eu quero minha mãe...
- Tua mãe também não existe!
- Hã?!
- E aí, enxergou que tudo existe?

HIBISCUS

Eu tenho a minha dor, a dor é minha,
não é de mais ninguém, quem diz-me é ela,
cantante trovadora, Lira aquela
de quem a Flor do Lácio se avizinha

nas noites tais e quais o povo tinha
no tempo do Catulo e as tão singelas
canções favorecidas de aquarelas
plangentes ao orvalho com mantinha...

De um tempo, o que restou? A poesia,
e nunca a dor; porque não é a dor
dos que viram e nem dos que virão.

A dor é do poeta que sorria
e que sofria enquanto trovador
em um violão, balcão, porão... No chão.

Nhandeara, 17 de novembro de 2012

SONETO DO UMBIGO

É a vaidade, Fábio, mais-valia,
rezava a velha letra da gazeta
no dia em que Gregório da caneta
serviu-se em prol de nova ideologia:

Não deve o Capital fazer orgia,
cagando na cabeça do pernetá
assíduo proletário da muleta,
enquanto vai Raquel, ficando Lia!

Que baita sacanagem! Vou propor,
vós ides concordar aqui comigo:
mudemos o Sistema Produtor.

Porém, a ideologia, meu amigo,
também era vaidade, e de doutor;
valia mais o bom vai dá de umbigo!

Nhandeara, 21 de novembro de 2012

SEM UM PUTO NO BOLSO

Não vejo, nestes dias sem paisagem,
propícia ocasião de honrar labor
em vista a ter futuro promissor,
poupando o da velhice na bagagem.

Contudo, trabalhar não é bobagem,
se o método empregado houver favor,
e a prática do olhar me faz supor
que método certo é a vadiagem.

Pois sempre a vadiagem riu à toa:
“comeu, bebeu, fodeu sem ter dinheiro”,
e sai na foto bem — é gente boa!

Já quem trabalha chora o ano inteiro
na fila do humilhante, sem um puto
no bolso, furado em sinal de luto.

Nhandeara, 26 de novembro de 2012

EU DIGO TRUCO!

Se alguém na rua me chamar pra briga, mano, eu faço que nem lutador macho famoso: eu digo não! É, sou feio mas tô na moda.

Daí, se maloqueiro começa a correr atrás de mim com pau cravado de prego insistindo pro pau quebrar, eu corro mais, e corro mesmo, véi! Eu sou velocista pra caramba quando quero.

Mas, daí, eu paro e penso: Péra aí, eu tô dando uma de velocista, então, o velocista tem de dizer não também; e digo não, cazzo! Digo não, não corro não. Eu sou velocista, e velocista só corre entre as raia, na pista, treco profissa, mano. E o corredor dentro de mim, pára. E fico só olhando os malandro chegá. E eles chega...

Rapaz, eu me concentro que nem o Aquiles Dias Xavier, repetindo: Entra, macho! E o Carlos Maçaranduba entra dentro de mim; não sei por onde, mas entra. Mando lutador chique balançá coqueiro, que é a variante de catá coquinho. E começo a dizer pra rapeise: Vou dá porrada. Mas nessa hora é que eles descobrem meu problema de gagueira, e fica nisso: Vou dá dá dá. Vou dá dá dá. Que nem aquela música dos tempos atrás.

Cara, tô puto com a propaganda do governo pra dizer não à porrada. É.

Tô puto em geral com governo, porco Bacco! Campanha do desarmamento, os nazista fizeram idem. Agora, bandido trafica arma lá dos raios que os partam, mas cidadão de bem não pode nem dar uns pipoco de bem. Sacanagem daquele filho do Brasil; pô, descarado fez até filme dele mesmo que nem propaganda de Goebbels pra Hitler, um belo filho de Dona Lindu, com todo o respeito.

Nhandeara, 27 de novembro de 2012

Jaquelino e Tatiano em: Bago's Bar TV

Em off:

—Que foi? Paneleiro não! Ó, hein..., paneleiro não!

Voz da diretora:

—Atenção estúdio. Iluminador, on. Silêncio. Set. Jaquelino... Porra, Jaquelino!

—Hã.

—Agora... Vai!

Programa entra ao vivo:

—Buenas, minhas senhoras! E, pros bagual, uma força aí na maromba, rapazeada da estiva. Pros chegado do programa, é nós aqui travêz. Pros de hoje, meu nome é Jaquelino Passo Fundo; e aquele chucro de três... hã? A diretora mandou eu não atribuir dotes físicos ao meu assistente. O índio velho que vocês estão vendo aí é meu assistente Tatiano, colono de Bagé. Fala, Tatiano Colono!

—Oi.

—Ele é tímido, eufemismo de curto e grosso, no más.

—Eufemismo é a mãe, tchê!

Diretora intervém:

—Corta pro garoto propaganda...

Em uma mesa bonita cheia de babado com renda estão empilhados lindamente 53 frascos de óleo de fígado de bacalhau. Atrás da mesa bonita o moço bonito diz:

—Estudos científicos feitos bem longe, muito longe, e que vêm sendo feito há muito tempo comprovam que os portugueses só trouxeram de gostoso o Bacalhau da Maria; mas você, minha dona de casa, é privilegiada com o Bacalhau Norueguês! Com este bacalhau, eles conseguem o óleo de fígado de bacalhau, que tem um sabor delicioso, e é de dar câibra na língua, e cair o cu. Experimente! (e dá uma beijoca no frasco)

Diretora diz:

—Agora, volta pro Jaquelino.

Continuando:

—Hoje, vou queimar lata com picadinho carioca de feijoada e banana empanada; comida criada para matar a fome na boemia, e que virou tradição no Rio e em São Paulo. Abraço forte pro Marcos Satoru, macho véio de Vila Alpina, aproveitando o foguinho do crematório pra fazer nossas receitas; é isso aí, paulisponês! Bom, enquanto pego um pedaço de estopa pra lavá a mão, o Colono dá a receita.

Silêncio total no estúdio.

—Fala aí, Tatiano Colono.

—Tá aparecendo tudo escrito na tela do pessoal em casa.

—Mas tem o público cego.

—Ah, a inclusão digital.

—Essa é no doutor.

—E que inclusão é?

—Inclusão de todo o mundo em todo o mundo, ué.

—Ah, virou bacanal agora?

—Cala essa boca!

Silêncio no estúdio de novo...

—Diz a receita.

—Ó, minha senhora, é assim:

1) um punhado de feijão, punhadinho pequeno.

2) uma banana nanica

3) uma lingüiça

4) outro punhadinho, mas de arroz

5) um ovo

6) farinha de rosca, um tantinho

—Então, o arroz, faz normal. O feijão é tipo feijoada, minha senhora, tempera a gosto; cê vai vê o Jaquelino fazendo. E a banana e a lingüiça, pica na faca. Hã, diretora? Então, pica na faca, ué? Pica na faca?! Que tem pica na faca, não pode picar na faca? Ah, aí pode... Então, minha senhora, banana e lingüiça é picar na faca. Pica na faca, não.

Continua Jaquelino:

—Aqui eu já deixei o feijão cozinhando. Se fizer para mais gente, é bom panela de pressão, mais rápido. Mistura o alho picado, o refogado de costume com cebola e alho; quem não gosta de cebola, não, claro. Pimenta, é pra quem güenta. A pimenta dá dois prazeres: quando entra, e quando sai, ditado baiano. No Rio Grande não se dizem certas coisas, mas aqui a coisa é nacional, tchê. E a gauchada vai se amaneirando, oigalê!

Diretora:

—Não te empolgues, ô da bombacha.

—O arroz não é de tropeiro, então, refogado simplesmente fi-lo, porque qui-lo, à moda paulistana mesmo.

—E o ovo... Tatiano, passa o ovo.

Tatiano recuou cinco passos, e se encolheu.

—Tchê, não é o que te sobra na natureza.

—Tó. — e recuou de novo, precavido.

E, no frigar do ovo e da banana empanada, concluiu-se o prato do dia com a bela decoração. Programa ao vivo é pra quem pode. Fim.

Em off de novo:

—Eh, paineleiro da porra!

—Paineleiro é a mãe!

—Ô, gaúcho, tua mãe não é hõmi...

—É hõmi sim! Minha mãe é mais hõmi que tu! Haaa, sacaneei!

MAMADA

Então..., batuque assim: cadência tipo
o nada se fez tudo em um segundo,
cadência que resume o caos do mundo
em mapa gatoforme ao que lhe ripo!

Um gato no telhado, e eu lhe engripo
o couro: tamborim de vagabundo;
maldade!, ô dó!, e quem diz é o Edmundo...,
rapaz, um animal!; oh, me constipo.

Porém já garanti a batucada,
e o gato, na verdade, é PVC:
Poli-Vinil-of-Cat, só fiz zoadá.

Desfaço uma amizade, e não você,
piada por quem dou a rima amada,
você que lê mamada quando lê!

Nhandeara, 8 de dezembro de 2012

PACAEMBU

Nublada manhã de domingo em Sampa, a cidade maravilhosa. Pacaembu lotado até a tampa para o jogo da Seleção Brasileira Feminina de Futebol de Campo Natural do Tipo Grama Mesmo.

Marta, camisa 10, cinco vezes melhor do mundo pela FIFA, Cristiane, a malabarista, e Juliana Baiana compondo o ataque. No gol virginal, Andréia, virginal no sentido de “aqui termina invicto”, termina o jogo invicto, ou, quanto mais falo mais me enrolo; transmissão ao vivo é fogo... Armando as jogadas está Érika. Maurine é desfalque triste para todos.

Do lado oposto do retângulo das bermudas, estão as Guerreiras de Dom Sebastião, raparigas de dotes fenomenais que as ouvintes da Rádio Antenada não poderão desfrutar, digo, são de elevado grau técnico, e a amiga ouvinte há de ter precisa idéia do que se passa em campo. Inclusive, lá está o repórter Euclides. Cruza daí, que eu mato nos peitos daqui, Euclides!

—Bom dia, Luciana Montanha! Eu estou aqui com o técnico de Portugal, para ilustrar o que será o adversário do Brasil hoje. Uma palavra, mister, por favor, uma palavra sobre a sensacional revelação portuguesa Ana Borges, jogadora do Zaragoza, que hoje enverga a camisa 9 em vez da 16. Por que a mudança?

—Conquistou.

—Não entendi.

—Ó gajo, vocês brasileiros são burros, ié? Tu pediste 1 palavra. Ora, resumi em 1 palavra. Mas se queres que eu diga tudo, vá lá! Iela conquistou a camisa titular, ó pá! Seja mais racional, seu puto.

—Puto é a mãe, pra começo de conversa. Tá bom para o mister?

Mister, mister! Não dê ouvidos ao puto Euclides, é que a esposa dele acabou de meter-lhe um par de chifres durante a Guerra de Canudos.

—E eu tenho lá de ver com isso?

—Luciana, que parada é essa de chifres?

Ih, falei. Você ainda não sabia?

—Não.

O corno é sempre o último a saber...

—Haaa —faz o mister— toma!

—Eu estou trabalhando. Portuga já parte logo para a ignorância...

—Quem botou a mãe no meio foste tu, seu puto.

—E pára de me chamar de puto.

—Antes que eu me esqueça. Ié, partimos mesmo para a ignorância: não põe a mãe no meio, senão eu ponho no meio da mãe!

—Ah, é?

—Não sei não. No teu caso, é no meio...

Corta o link! Desiste desse portuga. Passa a escalação lusa.

—Cacetão...

Opa, já deu de baixaria.

—Cacetão, número 11. Cabeleira, número 10. Ana Borges, número 9... Miss Universo, número 1 no gol.

Quem apita é a libriana Joaquina Barbosa, árbitra renomada pela dura lex sed lex. Bandeirinhas Carretel e Dona Linha.

Começa a partida no Pacaembu!

Se manda Érika, descola o lançamento. Juliana Baiana está impedida. Eu vi na mesma linha. A bandeirinha Carretel não quis dar linha não.

Ana Borges dispara, mete entre as pernas da oponente, a bola quica, que é isso? Eu vi Ana Borges fazer um chapéu cinematográfico, e lança Cacetão na grande área. Encosta Cabeleira para receber Cacetão. Bagé estraga a festa, e bota Cacetão de lado. Cacetão cai e se enrosca com Cabeleira num lance pra lá de duvidoso... Será que é lance pra cartão, minha gente? Dona Linha não dá nada, e sinaliza para a árbitra. Não é costume da Bagé cometer um pênalti assim. A arbitragem manda seguir.

Marta com o balão, começa tudo de novo com Bagé, para Érika, lança Cristiane em situação irregular. Mas a bandeirinha Carretel deu linha, olha o perigo! Detona o bambu Cristiane! Miss Universo vai lá onde o morcego se pendura... Agora, Marta a queima roupa... Que elasticidade bestial, Miss Universo não deixa as bola entrá, queridas ouvintes. Este lance foi tão bom quanto pintar como eu pinto.

Depois dessa, a gente não sai daqui no zero a zero...

Nhandeara, 10 de dezembro de 2012

THE BATTLE OF SAINT GEORGE

So, in that night, Saint George stared at the moon, and thought:

—What the fuck!

He had to care ever and ever for his dear England, but... At that night, an even greater passion yelled deep in his intempestuouse knite heart, the Corinthians Paulista Team! Oh my, oh my...

—Oh my... Corinthians or Chelsea? For which team shell I fight in this night of battle? Alea jacta est!

In this moment, his mighty horse dropped a mighty excrement. The dragon verified if it's nails were well cut... And poor George stared at the moon:

—What the fuck!

And, from this night on to eternity, Saint George is living at the moon.

Because of the match Corinthians vs Chelsea, the thunderstorm of the millenium, a legend knowned as The Battle of Saint George... against himself.

Nhandeara, 13 December 2012

No princípio, era o Verbo...

O ato é convencional, a vontade é absoluta. A mesma vontade pode se manifestar diferentemente em atos diversos. Pois todo ato depende da matéria, e resulta de uma vontade. E, se todo ato resulta de uma vontade, no encadeamento de atos e vontades fisiológicas cerebrais, a Origem é uma Vontade sem ato precedente (vontade alheia a qualquer convenção material), que desencadeou todos os atos e vontades fisiológicas cerebrais; portanto, essa Vontade não pode ter origem fisiológica cerebral: a alma do índio botocudo.

Do contrário, o funcionamento cerebral seria algo sem começo, que sempre existiu materialmente? Mas a Matéria existe a partir de quê? Mesmo que a Matéria sempre tenha existido, os atos da Matéria, à semelhança da fisiologia cerebral, têm origem numa Vontade; senão o Universo seria um moto-perpétuo, que é um conceito do Mundo Ideal já exaustivamente descartado do Mundo Material.

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava junto de Deus, e o Verbo era Deus. Tudo foi feito por meio dele, e sem ele nada foi feito de tudo o que existe.”, diz o capítulo 1 do evangelho de São João.

Nhandeara, 27 de novembro de 2010

ROSANA CAMISA 8

Aquele rosto oculta um bem sagrado
por entre sardas doces, delicadas,
e olhar adamantino em alvorada
na frágil condição de um desterrado.

Aquele porte atlético ensejado
por seu suor caído nas jornadas,
a cada dia, eleva-lhe, alma alada,
ao sonho o qual um dia foi sonhado...

Missão em teu desterro voluntário,
o esporte mostra apenas uma parte
de tudo quanto abriga a forma humana.

Feliz por te encontrar no itinerário
da vida que nos deu o dom da arte,
escrevo este soneto a ti, Rosana.

Nhandeara, 14 de dezembro de 2012

ÚLTIMO GRACEJO

(paródia do samba “Último Desejo” de Noel Rosa)

Nosso amor que eu não esqueço,
e que teve o seu começo
na boléia do caminhão,
dorme hoje sem chiclete,
sem Jontex e sem boquete,
sem luar... e penetração...

Perto de você, meu falo
tanto dói, que tudo calo,
tenho medo de pingar...
Nunca mais quero desejo,
mas meu último gracejo
você não pode negar:

Se alguma pessoa amiga
pedir que você lhe diga
se você me quer ou não,
diga que você patola
a xoxota, e se atola
comigo na imaginação...

Às pessoas que eu detesto,
diga sempre que eu não presto,
que meu lar é o Tribunal.
Que eu me formei em Direito,
que eu estudei por despeito,
e defendo marginal!

Nhandeara, 17 de dezembro de 2012

IRACEMA 2012

Verdes mares bravios de minha terra
banhada pelo Atlântico abrasivo,
na qual um povo bom, feliz, festivo
outrora vi na infância além da serra...

Hoje, o que vejo é o fuzil que berra,
a lei do cão num tempo intempestivo,
a geração no crack ultra-nocivo
morrendo nesta guerra, e não há guerra!

Qualquer cidadezinha é testemunha
da sanha criminal pegando à unha
o povo que cansou de não cansar.

Mas, num sonho cravado de lacunas,
ainda vê as asas da graúna
a moça que jamais leu Alencar...

Nhandeara, 27 de dezembro de 2012

PARA QUEM?

Se cresce a Economia, o vulgo pensa
que tem mais moradia e mais emprego,
que pode ter mais filhos com sossego,
tendo escola e saúde em recompensa.

Mas vive o povo sempre numa prensa,
e a cada geração parece cego,
barganha o voto em troca dum emprego
que gera mais emprego, voto e a crença

dum econômico crescer do bem,
na constante esperança dum porvir
com mais casa, saúde, escola..., amém.

Contudo, não se diz que é regredir
a Vida do planeta que se tem,
crescendo a Economia, e para quem?

Nhandeara, 31 de dezembro de 2012

FLOR AMENA

Notícia desta terra não me vem
à mente, se não minto a redigir
missiva tão inóspita a quem vir
e tê-la em mãos, se não cair... do trem!

Mas move-me a escrever aquele bem
que vê notícia em tudo, e põe-se a rir
até da morte inane do faquir...,
a fim de ter assunto com alguém.

Alguém que preza mais que o mundo inteiro,
no instante em que redige, pelo menos;
mas faz do mesmo instante toda a vida!

Assim, a carta segue seu roteiro,
tentando florear temas amenos
nos quais amena flor é conduzida...

Nhandeara, 31 de dezembro de 2012

VERSOS QUE FALTAM

Fuleira margarida, flor querida,
quando eu morrer, tu dá risada, e manda
à merda a Daisy lá de Londres, anda
um pouco além, a York, e, de varrida,

soletra ao mulheril que, em toda a vida,
lembrava delas todas pelas bandas
do mundo, por vencer cruéis demandas,
e, a cada rosto, a bunda era aludida.

Contudo, aquela estranha Cecily,
não manda à merda não, que dê o cu,
pois sempre disse que eu era jacu.

E, se o soneto pára por aqui,
do jeito que parou o do Fernando,
os versos é que vão se me faltando...

Nhandeara, 1 de janeiro de 2013

A CARIOCA

Morena, é verdadeiro o teu olhar?,
se nem olhando olhas assuntando
na noite enlutarada, praticando
o ledó esporte de se praticar...

Eu vi, na Guanabara junto ao mar,
talvez em Paquetá —estás lembrando?—,
a Moreninha, que, de nós zombando,
ao grêmio varonil fez claudicar.

Pois ela, que tão bem conosco ia
o esmero da conversa conduzindo
à crença na descrença, amor sentia.

Reporto-me a tal ido tão bem vindo,
bonitamente crendo na alforria
do Tempo que é só teu no Espaço infindo...

Nhandeara, 3 de janeiro de 2013

DISSONÂNCIAS

A verdade é só uma a verdade é
só uma a verdade é só uma a ver
dá de uma só verdade é uma só
cesura censurada sem censura?

A mentira não por favor amém
tira não por favor ah mentirá
não por favor amém tira não por
favor amém amemos amaremos?

Sem grilo cri-cri à toa a morgar
dá de uma só verdade é uma só
a verdade é só uma a verdade é

não por favor amém tira não por
a mentira não por favor amém
favor cesura sem censura amemos!

Nhandeara, 4 de janeiro de 2013

HARMONIA E DISSONÂNCIA

Rosana, moça forte delicada
dos campos feminis de futebol,
se o porte é atlético, suando ao sol,
a franca fala é doce e acanhada.

De toda criatura já sonhada,
reserva houve pra ti, além dos gols,
de afeto comparado ao rouxinol
vibrando ao vir da aurora... iluminada.

Rosana, moça forte delicada,
reserva houve pra ti além dos gols
dos campos feminis de futebol:

Vibrando ao vir da aurora... iluminada,
a franca fala é doce e acanhada,
se o porte é atlético, suando ao sol...

Nhandeara, 5 de janeiro de 2013

DURA LEX SED LEX

Senhor Procurador, por causa da Boceta,
a Máquina do Mundo abunda em eloqüência
em se tratando do Progresso da Ciência,
em muito produzir, desde a enxada à caneta!

Senhores cá do Júri, então não foi a Greta
que fez o Pai Adão cair na interjumência
de padecer labor em troca da prudência,
e, em troca do sorriso alegre, haurir careta?

Xoxota, qual sentença eleges por pagar,
se tanto estrago a tudo hás engendrado enfim,
que os males todos do Mundo foste cagar?

—Eu, Xoxota, com gosto assumo a culpa sim,
e rigor no castigo o encomendo exemplar:
caralhada, sem dó, caia já sobre mim!

Nhandeara, 19 de janeiro de 2013

ROSA-SINENSIS

Andréa, são para ti
os versos meus mais singelos,
porquanto teus olhos vi,
e tanto mais quero vê-los.

Nos teus olhos tenho tido
ofuscamento geral,
quando sou favorecido
por visita angelical.

Eu não me lembro do Céu,
porque nunca estive lá,
mas, feliz, tiro o chapéu
quando tu vens para cá!

Depois, fico matutando
se vi mesmo a tal morena...
Sonho que, de vez em quando,
ela chega é pela antena?

Se eu pudesse, te enviava,
pela antena do telhado,
carta de papel sem trava
para um estro apaixonado.

Sobriedade me faltando,
é melhor dar fim à prosa
que já vai se assemelhando
ao desabrochar da rosa.

Nhandeara, 21 de janeiro de 2013

SONETO ACRÓSTICO A ANDRÉA

A duras penas, quero um finalmente,
não seja a minha morte anunciada,
dedico aqui um verso à pátria amada,
retiro o mesmo verso, inconseqüente

é isso só que sou impunemente
a vida inteira de alma abraçada...
Marcos Satoru Kawanami, a cada
aurora ele tem visto inteiramente,

nem mais, nem menos, só o que é certo,
o verso que faltava não é verso,
e o fim não é a morte, é o primeiro

liberto senso nosso no Universo.
Eu digo neste verso derradeiro:
te dou a minha vida por inteiro...

Nhandeara, 23 de janeiro de 2013

JANAÍNA A BUGRA

Todos param para ver
Janaína minha irmã
que ainda não sabe ler
de selvagem cunhatã.

Eu, porém, quero aprender
com a bugra minha irmã
a maneira de escrever
dois em um só amanhã.

Janaína me parece
pintura tipo cubista,
explicação não carece(?)(!)(*).

Janaína se despista,
pudica, não fica nua,
mas não fica só na rua...

Nhandeara, 8 de fevereiro de 2013

Se, Patrícia, poeta...

Se, Patrícia, poeta fosse eu,
diria à poetisa que há em ti
que nunca escreveria que a comi
o vate que há em mim e que a comeu.

Julieta, idílio de Romeu,
bebeu do entorpecente que bebi,
mas ele se matou, e eu faleci,
e William o final é que escreveu!

Camões, por alma minha, padeceu,
mas, quando estive em Goa, bem eu vi
que lá é que jamais seu pau desceu.

“Padma Lakshmi” por quem eu renasci
pateta, despertaste em mim o esteta,
e sou agora, Patrícia, poeta?

Nhandeara, 9 de fevereiro de 2013

A DESEJADA

—Luzitânia, Luzitânia!
—Diz aí, meu amorzinho!
—Esta insônia é uma infâmia.
—Pois de noite estás sozinho?
—A leitura me consome.
—Já jantaste, não tens fome?
—Tenho fome de ouvir anjos
tocando flautas e banjos.
Quero voar pelo céu
bebendo núvens ao léu...
—Pára! Põe um pé no chão,
um pé só, um só que seja.
Na real, nada desejas
em que possas pôr a mão?
—Sim, um conto do Machado.
—Tá... Qual? Posso ter guardado.
—“A desejada das gentes”.
—Cá vou ver, não te apoquentes...
Achei! Posso te emprestar.
—Mas me terias pra dar?
—Pra meter, é com cautela,
suba aqui pela janela,
seu tonto bobo lesado,
vê se vem bem retesado,
a desejada das gentes
já ficava impaciente!

Nhandeara, 10 de fevereiro de 2013

CURTI

No carnaval, Antônio me pediu
que um curti eu curtisse na folia,
assim me foi dizendo Bete Bia,
fogosa como a puta que a pariu.

E a perva, me piscando, ainda sorriu,
mostrando-me um curti que ela trazia:
camisa pra vestir no pau, e eu via
que a Bia já esfregava o seu xibiu...

Abocanhei a teta entumescida,
o mamilo mais duro que meu pau
poderia meter por toda a vida.

E ela ordenando vem, seu bruto mau,
se arreganhou num cio que nunca vi,
e, curtindo, curti, curti, curti...

Nhandeara, 10 de fevereiro de 2013

HIBISCUS ROSA-SINENSIS

Having walked in life through a boulevard
of dark shadows, I found a pleasant garden
where native flowers grow without a warden,
and one another are their own reward.

People there never eat and never starve,
and yet the garden even ever broaden
cheered with fun of the loving little children
that play upside-down, run, and climb and carve!

Hibiscus is the garden one I found,
following someone's eyes put on the horizon,
brilliant brown eyes of soul and tears on.

Andréa is the voice that since then sounds
for me, my every day so human happiness
that only as divine can be fulfilness...

Nhandeara, 17 of February of 2013

HABITE-SE

No Masp, todo aquele armado vão
de nunca amado armado vil concreto
é o vazio sobre o qual ora soneto
no vazio claustroforme: a Solidão!

Amar é estar-se só na multidão,
de há muito já versou vate seletto,
mas, como na Verdade Amor decreto,
ainda vale tal definição.

Decreto de poeta vale nada,
mas este decretei material,
timbrado no concreto cordial.

E, se a moça da noite enlutarada
achar meu coração de vil concreto,
desenha-me também no teu projeto!

Nhandeara, 25 de fevereiro de 2013

ALÉM DA TAPROBANA

Conheço você, Márcia, desde quando
o mundo foi criado, talvez antes,
no tempo angelical e altissonante
desde o qual Deus nos foi orientando...

Aqui neste planeta ora chegando
a fim de nos unirmos como amantes,
seremos sempre um só a cada instante,
em noite turbulenta ou dia brando.

Conheço você, Márcia, pelo cheiro
gostoso natural que nos irmana
em laços de lençol e travesseiro.

Passemos mais além da Taprobana
também na paz geral e o derradeiro
sentido para o qual é a raça humana.

Nhandeara, 2 de março de 2013

JACÓ E LIA

Sete anos, por Raquel, Jacó sofria
à toa, pois já tinha se casado
e muito bem, estava afazendado
com filha de patrão. Que mais queria?

Injusto foi o Amor que o iludia,
e em prol de quê?, da espécie? avassalado
igual a bicho? e, ainda amargurado,
injusto o coagindo contra Lia!

Romântica Paixão, que a todos cega:
a Lia era muito mais bonita,
nem isso viu Jacó, por teimosia...

E a Alegria que o Amor nos nega
parece tão custosa e inaudita,
mas é-nos como a esposa que foi Lia.

Nhandeara, 12 de março de 2013

BELEZA ETERNA DAS MOÇAS ETERNAMENTE BELAS

Todas as CARTAS DE AMOR são
Ridículas.
Não seriam OBRAS DE ARTE se não fossem
Ridículas.

Também escrevi em meu tempo CARTAS DE AMOR,
Como as outras,
Ridículas.

As OBRAS DE ARTE, se há Amor,
Têm de ser
Ridículas.

Mas, afinal,
Só as criaturas que nunca escreveram
CARTAS DE AMOR
É que são
Ridículas.

Quem me dera no tempo em que escrevia
Sem dar por isso
OBRAS DE ARTE
Ridículas.

A verdade é que hoje
As minhas MEMÓRIAS DA LIRA VELHA
Dessas MOÇAS ETERNAMENTE BELAS
É que são
OBRAS DE ARTE.

(Todas as CARTAS DE AMOR,
Como as OBRAS DE ARTE,
São naturalmente
A BELEZA ETERNA DAS MOÇAS ETERNAMENTE BELAS.)

Álvaro de Campos, 21-10-1935
Marcos Satoru Kawanami, 14-03-2013

UFC: Universidade das Freiras de Culhões - Rio Grande do Sul

No aprazível município de Culhões, RS, está sita a Universidade das Freiras de Culhões, instituição que goza do mais grosso calibre nas estatísticas do MEC, no quesito p.q.p.: pupilos que passam...

Culhões é um antigo distrito de Bagé, o distrito de Dois Bagos, famigerada zona produtora de uvas viníferas que dão cada bago... tchê! Um bago daquele é capaz de encher a barriga da pessoa humana. O nome Culhões, corruptela de Colhões, etimologicamente falando, origina-se no período de exílio do prefeito de Sucupira, um vivente de nome Odorico Paraguaçu que foi o primeiro prefeito do então recém emancipado município de Dois Bagos, a que ele resolveu, por decreto lei, denominar Município de Culhões, e esta foi a sua maior obra durante o período de exílio, que descanse em paz, lá em Sucupira, no Cemitério que ele inaugurou.

As freiras vieram para cá durante a Guerra do Bolicho, conflito deflagrado em Bagé entre a facção masculina dos barbudos e a dos afetados, estes últimos se refugiaram no Convento da Piedade, que foi sitiado pelos barbudos. Após semanas de negociações, e a água cortada, os afetados tiveram que aceitar o ostracismo em Dois Bagos, levando uma legião de noviças com eles, por motivos óbvios; mas, quem nunca pecou, que atire a primeira pedra! Com as noviças, foram também freiras simpáticas simpatizantes do movimento, que fundaram o Convento das Freiras Simpáticas, e dele originou-se uma escola, e da escola a nossa renomada instituição de Ensino Superior.

Além de oferecermos cursos em todas as áreas do Conhecimento Humano, Desumano e Divino, temos os seguintes cursos:

—Doutorado em Veterinária Freudiana, pelo Dr. Analista de Bagé.

—Pós-Graduação em Boi no Roleta, pela Irmã Teresa Durão.

—Doutorado em Paranormalidade da Psico-Proctologia-Atmosférica, pelo Dr. Jacintho Leite Aquino Rêgo, convidado da UFRJ.

—Mestrado em Sociologia do Não e da Negação do Não no Futebol (dente-de-leite-sensu), pelo Dr. Cajuru Sob Controle.

—Pós-Doutorado e Livre Docência em Cuisine Traditionnelle com intercâmbio na Universidade de Viena, por Palmirinha.

Nhandeara, 17 de março de 2013

O PICA DAS GALÁXIAS – gíria humorística que merece registro

Nascido não no campo das hemácias,
da carne, das linhagens ancestrais,
que assim nos assemelha aos animais,
porém no mundo vário das rosáceas...

Idéia lapidada numa acácia,
talvez Pinóquio, menos que os mortais,
porém pica de pau querendo mais
e sempre mais: o pica das galáxias.

O pica das galáxias vai pro espaço,
e segue rumo à Lua a carregar
o bagageiro de porra lunar.

Papudo, fica duro feito aço,
e em Vênus ele enxerta o mulheril,
e até a presidenta do Brasil!

Nhandera, 1 de abril de 2013

O SÉTIMO SELO - para Ingmar Bergman

A morte não me diz respeito, assim
falou o mestre Sócrates antigo,
porém relatam que foi bom amigo
do espírito de nume até o fim.

Ateu que fui, fiando só em mim,
cagava vendo a morte, e, pelo umbigo,
meu pau se invaginava de castigo
por tão ignóbil pose em cor carmim.

Se Sócrates cordato era guiado
a crer em um só Deus pelo seu nume,
aqui bem vivo está, e foi matado...

Católico que a fé no amor resume,
à morte entrego o peito despojado:
coragem, fé e amor é um só costume.

Nhandeara, 2 de abril de 2013

MONA LISA SMILE

O drama bom que a Bíblia nos revela
demonstra que pra tudo há solução,
até a morte tem ressurreição
a quem se afeiçoar à Vida bela.

E a Vida a qual se deve pois dar trela
é simples, tendo em Cristo a devoção,
passando pelo mundo em comunhão,
sentindo o bem do olhar... e da remela.

O drama engrena o mundo, e dá cinética
à máquina da humana sociedade,
ainda que contrário a muita ética.

Talvez a dor pareça até maldade,
mas luz e sombra dão a forma estética
de tudo quanto ganha a Eternidade.

Nhandeara, 8 de maio de 2013

CIENTÍFICO

Naquele verão em que carioca fica suando em picas, eu tive de explicar ao meu filho que deixar de tomar banho não era experiência científica. O problema é que ele é que me convenceu de que a metódica privação do banho era uma experiência científica em andamento, e não poderia ser interrompida, inclusive me mostrou uns treco no microscópio.

Uma semana depois, estou eu lá na saleta do meu chefe sendo avisado que seria exonerado por justa causa se não desse um jeito no meu odor corporal. É, meus amigos, eu tinha aderido à experiência do meu filho, que precisou de uma cobaia humana adulta do sexo masculino. Daí ficou resolvido, voltei pra casa, e todo o mundo tomou banho: eu, meu filho e minha esposa, que também estava colaborando na coisa, e, imaginem, sua vagina já produzia requeijão cremoso nessa altura do campeonato. Não tinha microscópio que desse conta.

Nesta mesma noite, concebemos uma irmã para o meu filho, fato que ele cuidou em anotar muito bem no seu caderninho naquela época, eu me lembro de ter falado com ele sobre o assunto, dizendo-lhe que o recesso tinha sido fornicatório também. E não é que, quinze anos depois, a equipe em que ele trabalhava foi chamada para combater uma epidemia de Aids em Uganda? A primeira providência que tomaram foi um racionamento radical de água. Científico meu filho.

Nhandeara, 30 de maiô em 2013, ai que frio!

Diálogo A. B. Surdo

- Eu gosto de pão e sou hétero.
- Eu também gosto de pão, mas sou hétero ao contrário de ti.
- Que eu tenho xoxota, e gosto de caralho...
- Então, eu gosto de xoxota, e não gosto de caralho.
- Ah, eu quero caralho... Me dá o teu!
- Não. Do meu caralho, eu gosto.
- Então, enfia ele no cu, porra!
- Eu não gosto de cu.
- Dá o teu então.
- Mas do meu cu eu... gosto?

Nhandeara, 2 de julho de 2013

SONETO DO FUNK

O funk é redondilha, tudo a ver
o coito com a coita medieva
daquele trovador que não se atreva a
ser este que no baile põe ferver!

“Que é isso novinha?” é furtar-se a ter
amarra, se a sincera lira eleva
ao peito a musa que tão bem nos ceva
o canto, no cantinho, a remexer...

Cesse tudo o que a musa antiga canta,
e vende 4 pra mim, 4 ingressos,
que eu entrei para o bonde dos confessos!

O funk tem soneto, a festa é tanta,
que Camões já comprou na minha mão
ingresso para o baile no Alemão...

Nhandeara, 4 de julho de 2013

J'AI FAME!

Quando eu era estudante secundário (ensino médio, rapeize) na grande capital paulista, eu tinha a ingenuidade de não saber nada e pensar que sabia tudo, ou quase tudo.

Eu sabia que, sabendo ler e sabendo as quatro operações matemáticas, eu poderia aprender qualquer coisa por conta própria, sendo auto-didata: então o essencial eu já sabia. Ah, e sabia também que Isaac Newton criara o Céu e a Terra.

Eu cabulava aula no Sebo do Messias, uma enorme loja de livros usados do centro velho paulistano. Apesar de os livros serem muito baratos, só às vezes eu comprava algum; via de regra, eu ficava a manhã inteira lendo lá mesmo até dar a hora de volver a casa, onde minha avó esperava o estudante exemplar que acordava às 5:30h da alvorada, e ia a pé da Rua Frei Rolim, na Saúde, até a Estação Santa Cruz em Vila Mariana, todos os dias sem falta. Eu respeitava a velha. Quando meu pai foi aprovado na 4ª série, minha avó lhe fez um exame com toda a matéria do ano, no qual ele não passou; aí, ela matriculou o coitado de novo na 4ª série; foi escutando essa história que eu tive a primeira noção do conceito de: FODER-SE.

Não sei como é hoje, mas, naquela década de 90, os professores apenas regorgitavam o que estava nos livros didáticos; já disse que sabia ler, então, lia em casa, e ia ao sebo ler outras coisas: ora, eu só tinha 16 anos e queria saber como era o Mundo antes de ter a idade suficiente para tal propósito.

Um dos livros que manuseiei intitulava-se "J'ai fame!" - "Eu tenho fome!" - não tive vontade de ler, comia bem em casa de vovó, mas isso nunca mais me saiu da cabeça.

Em 1994, ingressei no curso de Astronomia da UFRJ, e logo em seguida parti para Ouro Preto, a fim de estudar Engenharia de Minas, por sugestão de minha sábia irmã.

Passei 45 dias numa república federal da UFOP comendo somente pão-com-manteiga e café puro, até conseguir emprego nos refeitórios da universidade, onde o salário era a refeição.

Em geral, a fauna republicana gastava o dinheiro que seus responsáveis lhes mandavam com coisas fúteis e pouco estudo.

Freqüentava a república um escultor de nome Frank: mulato de olho azul e magérrimo, cheirava mal também. Logo descobri que seu nome verdadeiro era Ismael Marcelino, natural de Anápolis, uma cidade de Goiás, e que tinha olhos azuis porque sua mãe também os tinha, sendo alvíssima, enquanto seu pai era um afro-descendente do tipo creoullo tição. Chamavam-no de Frank porque o achavam deveras feio.

Desde que soube seu verdadeiro nome, eu só chamava-o por Ismael, e ele sempre queria conversar comigo porque eu tenho a pachorra de ouvir as pessoas - que nem puta de cabaré -, ao passo que os republicanos já tinham começado a menosprezar o Ismael depois que se cansaram de sua figura cadavérica.

Até que, numa noite, eu fiquei trancado para fora da república, e ninguém quis abrir a porta. Ismael estava comigo, e me ofereceu abrigo na sua casa. Chegando lá, não havia móveis na casa, só um sofá, um fogão e um guarda-comida, em que encontramos um pouco de farinha de mandioca e um único ovo. Como nós não tínhamos jantado, ele fez o ovo mexido com a farinha e colocou em dois pratos rasos, pouquíssima comida. Para minha surpresa, Ismael ainda me deu o prato com mais comida.

Passados alguns meses, eu voltava da aula quando encontrei o Ismael sentadinho todo encolhido na soleira duma farmácia. Nós conversamos amenidades, disse-me que estava tomando um pouco de sol...

Só hoje eu percebo. Careceram se passar 15 anos de ingenuidade para eu perceber: Ismael estava doente, na porta da farmácia em postura mendicante, mas sua hombridade lhe embargava a voz para dizer: "Amigo, me ajude com a conta do remédio?" ou talvez "J'ai fame!".

Nhandeara, 11 de março de 2010

O SENTENCIADO

Ter alma de poeta é sacrifício
a Deus, por sacerdócio leigo infame
ainda que o poeta, em vão, derrame
o sangue de si mesmo em prol do ofício.

Ter alma de poeta é ter por vício
o verso, mesmo que ninguém declame
a ninfa cujo zelo ora lhe inflame
o crânio a meningítico artifício.

Ter alma de poeta, enfim, é isto:
é parecer saudável na doença;
é parecer ateu mas seguir Cristo;

é acrescentar penhor se não compensa;
é dar bom dia à noite, e ainda, insisto,
é redigir na testa uma sentença!

FELICIDADE CANINA
(the pursuit of happyness)

Um tal instinto bom eu tenho tido,
que desde a aurora tosca de menino
conduz-me em descaminhos cujo tino
teria diplomado um falecido.

Por mais que me quisesse desistido
o mundo de cumprir o meu destino,
o bom talante alegre e olhar canino
feliz em si tem sempre persistido.

Cachorros são felizes porque querem:
lá na indigência hostil do viaduto,
ou no trabalho árduo do polo.

E nesse olhar canino que os diferem,
conforme é mais o afável que o astuto,
pessoas há que têm dos anjos colo.

NINFA E SÁTIRO

Ela: uma ninfa tão merecedora
de todo o mais difícil simples verso,
de todo puro amor que há no Universo,
sem saber de tal dom ser retentora...

Eu: um sátiro mau, qual sempre fora,
espreito o que há de bom, no anseio imerso
de assimilar também o bem diverso
à minha natureza repulsora!

É tarde na floresta, o bosque apaga,
e os pirilampos surgem na quebrada,
magificando a silhueta vaga...

A ninfa, pelo sátiro beijada,
percebe afago exato, e muito afaga
em prol da Eternidade eternizada!

AVE MARIA PÓS-MODERNA

A luz que passa pelo cristalino
dos olhos chega ao fundo cerebral
recomposta em elétrico sinal
diverso do universo extra-tino.

A taça diz que “veritas in vino”,
em forma inversa, imagem espectral
vertendo na retina uma anormal
verdade aceita por qualquer menino...

Talvez o impulso elétrico reflita
externamente apenas algo novo
e tão antigo quanto a luz bendita

no céu de cada qual de cada povo
cujo drama tem sido a mãe aflita
dos elétrons por quem eu me comovo.

MUNDO DAS IDÉIAS

No mundo das idéias só, vivia
eu só, que de ideais fugir tentava;
atado por Platão, eu me arrastava
à banda de Aristóteles da via.

Da via em que seguia noite e dia,
poeta que, no mundo, calculava
o que era coisiforme e destoava
da esfera onde o ideal lhes bem servia.

Baixava-me Aristóteles ao caos
a ser esquadrinhado a lápis, ou
elevado à potência do ideal.

Mas, quando toda a frota soçobrou,
eu vi que tudo é bom; e, afinal,
no mundo das idéias sempre estou.

IDÉIA DE ADÃO

Não é verdade que eu só diga não
a quem só queira ouvir meu doce sim;
sim, é verdade, sempre tem de mim
paciente ouvido a boca da razão.

Se almejo ir além da compreensão
a matutar até ficar carmim,
é bem capaz que eu fique mesmo assim
porque só tenho idéia de Adão...

Que foi este soneto até aqui
—além da praxe da enrolação—
mais do que ir alternando im com ão?

Acabe de Goiás todo o piqui,
paciente ouvido à boca da razão,
humano é o nome da contradição.

SONETO SOLILÓQUIO

Naturalmente em mim autista hermético,
o drama foi fazendo-me... dramático!,
extravasando até o esquema tático
em prol de um benefício mais estético.

Atleta mais melódico que atlético,
sou simbiose de um sopro pneumático
trompista, e artifício matemático;
e em síntese resumo do frenético.

Pois disse-me a parteira no meu parto
que eu fosse à merda!; eu ri, e teve início
a minha saga errante de Pinóquio.

E dentro do meu crânio existe um quarto
em cena teatral donde o bulício
da platéia é aplauso a um solilóquio...

SONETO SHOELESS

No afã de superar minhas manias
de símio faniquítico cristão,
adotei como pai o velho Adão
para circuncidar tudo o que eu via.

Eu quis Raquel, porém casei com Lia,
e ainda de pastor servi Labão;
topei com boi chifrudo em contra-mão,
lançando as bases da Cornogonia...

Corinthiano sou, e não santista,
porque não vi jogar o rei Pelé
que teria me feito um vitorista!

Eu gosto de louvar mesmo é o Mané,
o sumo do resumo idealista,
eu gosto é de mulher que tem chulé!

FALOU SOZINHO

Se tanto foi escrito, me é forçoso
o ofício de escrever a essa gente;
verdade seja dita expressamente:
Verdade é o Soberano Magestoso.

Palavra diluída em lacrimoso
minguado verso meu ingentemente
diante da Palavra onipresente
conduz-me de tal modo sempre ao gozo!

A Vida bem vivida e celebrada,
Verdade seja dita, é o Caminho
da história tantas vezes recontada.

Iria eu escrever sobre o carinho
plantado no meu peito a mão de fada,
mas vejo que o Amor falou sozinho!

BORDADO

O meu corpo é um novelo
do linho mais amarelo,
minha vida é desfazê-lo
no verso do amor singelo.

Nas tantas noites que velo,
castigando o cotovelo,
as rimas a quem apelo
são a voz do mudo zelo.

Assim, eu deixo um bordado
neste planeta a quem tem
lido o que tenho deixado.

Se acaso você também
tem-me igualmente estimado,
borde-me aí do seu lado.

INTÉ

Deus, para não ser só, fez-se Trindade;
e tanto de Amor tinha guardado,
que ao labor de um teatro planejado
em Redenção ergueu à Humanidade...

Eu, por viver tão só em toda idade,
não tenho nem ao menos um cajado
para desfalecer morto escorado,
talvez esteja falho da Vontade.

Vontade que do Caos faz engrenagem;
palavra, sopro, amor de toda gente,
convívio, comunhão, camaradagem.

Mas eu, que amigo sou de um indigente,
amigo não serei de quem não é:
—Não desça do vagão do trem, inté!

O VERSO SIMPLES

"A vida inteira eu quis um verso simples"
a fim de transformar tudo que digo
em melodia amiga aos meus amigos
e inimigos, amigos que hão de vir.

Que a forma, disciplina a qual eu sigo
esquivo ao verso-livre, não me prive
do livre pensamento, e um dia em fim
eu livre me desligue do que ligo.

O verso que virá resume a vida,
une as pontas e une a unidade
do que era dispersivo e sem guarida.

A vida inteira eu quis achar verdade
em toda ingratidão desmerecida,
e o verso simples sempre foi saudade.

18 de janeiro de 2012

APOLOGIA DA ESTÁTICA

Imóvel permanece quem na vida
se encontra satisfeito por completo;
tem tudo, mesmo sendo analfabeto,
quem vive agora a sorte prometida.

Mais vale a permanência que a partida
se talvez o além-mar nos guarde afeto,
posto que não há gozo mais seletivo
do que prezar a sorte recebida.

O mundo foi criado por amor,
mas por paixão está em movimento;
de maneira que ocorre-me supor:

Tendo Deus agitado o firmamento,
e dado a nós a Sua semelhança,
serão leis o mover e a esperança?

SONETO À MODA DA CASA
ao poeta Vinícius de Moraes

Não comerei da alface a verde prega:
eu nunca fiz questão de andar na moda,
ser vegetariano me incomoda;
um lombo, uma chuleta... não se nega.

Quem desde muito jovem já se apegava
à mania fraterna de na roda
botar o seu jiló, rapaz!, à poda
de tudo quanto é pau faz vista cega...

Meu lado ecologista, aqui, preserva
os paus no seu lugar, dentro da mata,
e as cobras se escondendo pelas moitas.

Concordo com Vinícius: comer erva...
além de coisa insípida, é mui chata,
pra quem já lambuzou-se em carne afoita!

THE LEGEND OF 1900

O barco sintetiza o nosso autismo,
o porto nos aparta do que é mal
que é terra firme afeita ao vil metal
onde naufraga todo idealismo.

Sim, em verdade, o nosso esquisitismo
é lápide funesta sepulcral
durante toda a vida. Na real,
o medo não me assalta ao pé do abismo.

Pois sei que o reles fado da matéria
é o caos quem rege, ou seja, a mão de Deus,
fazendo tudo em prol do bem maior.

E o mundo já parece uma pilhéria,
em tudo sendo bom no caos, e os meus
dias são mais reais no além melhor.

Soneto de Santos Dumont

No alegre turbilhão da juventude,
no esplendor do motor por explosão,
em meio de projetos a efusão,
criar o aeroplano então eu pude.

Crente no ser humano, na virtude,
tudo era festa!, tudo empolgação,
"belle époque"... ninguém pensava não
que Marte conspirava oculto e rude.

Veio a guerra, o carrasco do progresso?;
talvez não, pois usou-se o aeroplano:
não o inventasse, agora triste eu peço!

Somente o ser humano é desumano...,
e, assim, por suicida eu quis ingresso
na morte-símbolo do ser humano.

Soneto ao Idiota

Tudo de bom já foi escrito; e eu:
que poderei somar à arte escrita?,
pois, hoje em dia, quem escreve, imita
as idéias de alguém que já morreu.

Infeliz todo aquele que nasceu
na era Huxley, época maldita:
com pena não se escreve, se digita
o grito! que é da máquina, ou meu?

Não termino o soneto, e já se esgota
a lástima que eu tinha a esparramar;
e quem lê faz a vez de um idiota

que quer ver onde é que isto vai dar:
vai dar no céu, no mar, na flor que brota...
de todos os clichês da dor de amar.

Jacó e Raquel

“Sete anos de pastor Jacó servia
Labão, pai de Raquel, serrana bela;
mas não servia ao pai, servia a ela”
(Camões)

Sete anos pondo fé Jacó bebia
cachaça por Raquel, caipira bela;
mas não bebia só, e sim com ela,
porquanto embriagá-la pretendia.

Os dias, na esperança de um só dia,
passava contentado na esparrela;
porém a moça, usando de cautela,
jamais se embriagava, só fingia.

Vendo o pinguço, assim, que com enganos
sempre escapava sóbria a sedutora,
pudicamente e nada doidivana,

despenca-se a beber outros sete anos,
dizendo: —Mais bebera se não fora
para tão grande amor tão pouca cana!

SONETO FERROZ

Eu não quero o lirismo comedido,
como já disse o velho e bom Bandeira;
eu não quero a bandeira brasileira
entre tantas de um mundo dividido.

Eu quero o amor geral, o Amor perdido,
difuso, tão confuso, assim sem eira
nem beira, só a vontade prazenteira
de viver sem jamais ser iludido.

Eu não quero este mundo decadente
que se ufana a dizer ser progressista
num suicídio lento, enquanto mente.

Eu quero é o ideal surrealista,
a doida sanidade do demente,
a lúcida loucura do autista!

SONETO MARGINAL

Silvam velozes ventos; reverberam
luzentes melodias de engrenagens;
os carros saem todos das garagens;
quatrilhões de neurônios deliberam...

Gigantes colossais gusa encarceram,
e vertem a matéria das ferragens;
nas árvores germinam as serragens,
enquanto todos sonham que prosperam...

Avante!, urbe, metrópole paulista:
"non ducor, duco", diz teu bravo lema;
teu lema insubmisso, idealista!

Enquanto, fora, voga tal esquema
de progresso, barganhas e conquista:
eu, marginal, termino este poema.

www.cancaodoexilio.com

Colhendo a “cinza das horas”
no meu claustro negro e frio,
já velho sem negro fio
sobre o crânio que demora

(contra o câncer que o devora)
a ceder sem glória e brio,
sem o porvir já tardio
do riso infantil que chora,

eu, o “cadáver adiado”
todo avesso a polidez
já não pensava, extasiado

em obscena vetustez,
quando fui repatriado:
— quem conversa em PORTUGUÊS?

WE?

Loneliness is a so natural state
of any living matter you will find;
'cause when I was a child, now I remind
myself: I was alone, that was my hate!

I had a mother, a father, a faith,
and the true love of my sister, so kind...
come from the very equal flesh of mine,
and, yet, I was I behind the soul's gate!

Now, where's my faith, my sister, where am I?
in this spinning sphere which just says good bye
to teach us good bye, to teach us to pass...

As our life goes too fast, we're lonely as
the fast space-ship that goes faster as far
it is from us, from the Origin we are!

ASTRONAUTAS DO PASSADO

O gigante impávido colosso
jaz contemplativo:
...é, e o que fiz de mim?

O gigante corrói-se por dentro:
Faltou-lhe a fé?
Talvez não, mas foi vil
por poder ter sido e não é
venturoso, Brasil.

Há séculos aqui aportaram
os astronautas do passado
que o bravio Atlântico singraram;
e agora Portugal, do outro lado,
chora a cantar um fado dolente
com nostalgia daquela sua gente
que com coragem sobre-humana
dilatou o mundo
plantando a cruz em cada continente.

CONTRADIÇÕES

Portugal...
Lá meu passado deixei,
No chão que nunca pisei.

Não faz mal...
Mal é o mundo que pisei,
Que pisou-me e não deixei.

Frio val...
Das mentiras que aceitei,
Das verdades que inventei.

Pá de cal...
Finda tudo que sonhei,
Mal-me-quer que não plantei.

Prantinal...
Lembro tudo que não sei,
Lembro o que nunca serei.

Funeral...
Amo a morte que esperei,
Espero a mulher que amei.

JOANA D'ARC

Afia numa pedra o canivete,
e enfia-o no bolso, convincente,
na cisma de querer ser indecente
a única menina entre os pivetes...

Roubou a liberdade que compete
ao seu padrão de jogo para frente,
ousou não se render ao aparente,
e, entanto, é mais mulher, sem ser coquete.

A escola ensina muita pilantragem;
nas aulas, ela emenda a professora;
por isso, tão bem vê a vadiagem...

Se acaso a transgressão é sedutora,
sofreu esta menina defasagem
moral, pois da Moral é defensora.

Nhandeara, 7 de agosto de 2013

MEMÓRIA DO FUTURO

Era um retrato cinza, preto e branco...
do tempo dos antigos, de primeiro,
quando a morte assombrava o mundo inteiro
e o fuzil vitimava a cada tranco.

Em uma vila, à beira de um barranco
de escombros e despojos de guerreiro,
tendo ao fundo o adejar de um bombardeiro,
chorava uma criança sobre um banco.

Fechada a boca, lágrimas desciam
silentes sobre o espelho da lembrança,
e no sangue do chão se diluíam...

É toda a espécie humana esta criança,
e as lágrimas que dela se esvaíam
sustentam nova edênica esperança.

SONETO AOS PÁSSAROS

A Águia, para o súdito romano,
foi símbolo de força, paz e guerra;
também nas plagas da Nova Inglaterra
ela é rainha sobre o ser humano.

No mesmo continente americano,
seguindo rumo ao sul, como quem erra,
Cabral foi venturoso ao dar na terra
do bicudo e pacífico Tucano.

Românticos tiveram no Condor
um ícone ideal e soberano
para expandir seu estro e bem se impor.

Caipira, aqui na roça, mais sincero
figura o masculismo sem engano
que tem a marcha gay do Quero-quero!

SONETO DA EXCEÇÃO

O mundo deve estar mal arranjado,
desencontros se dão a todo instante:
um chora desprezado, sendo amante;
outro despreza, sendo bem amado.

Se por divina mão edificado,
nosso planeta vai, porém errante,
seis dias não terão sido o bastante
para trabalho assim tão complicado.

Gente boa a sofrer a vida inteira
é vista em toda parte sem pecado,
e gente má é vista prazenteira.

Meu caso de exceção vai ajustado,
porque, se pecador sou de carreira,
no mundo, dores mil tenho penado.

TEOLOGIA DAS PROBABILIDADES

A gratuidade do Bem é aleatória.
A maldade é sempre intencional.
Portanto, o que é aleatório é divino.
As mutações de DNA são aleatórias.
As mutações de DNA são divinas.
O caos é aleatório ao controle humano.
O caos é divino.
Existir vida em um planeta de um sistema solar é aleatório.
A vida nesse tal planeta é caótica.
A vida em um planeta é vontade de Deus.

UM OSCILOSCÓPIO POR TI GELA

A tua voz, para sempre, gravada
em minhas retinas,
é a imortal imagem tua ecoando
em minhas trompas de eustáquio.

Pois tamanha
confusão mental
de profusão colateral
tu desencadeias
no meu osciloscópio redundante,
que pleonasma!

NAVIO
a Camões

Este que os mares singra com pujança,
vaga de continente a continente
a levar para sempre um bem ausente,
a trazer o imigrante e a esperança.

Com coragem viril ao léu se lança
da fortuna até mesmo imprevidente
que, por vezes, não sai impunemente,
a soçobrar qual sonhos de criança...

Navio ou belonave, embarcação
que rasga com o peito despojado
o líquido da vida ou perdição,

carregou, no seu ventre, do passado
os astronautas sem hesitação
"em perigos e guerras esforçados".

AVIÃO

a Alberto Santos Dumont

Dos anseios, primaz da liberdade
que resume a mecânica beleza
e, furtando do pássaro a destreza,
acaba por vencer a Gravidade.

Milênios só de ingênua veleidade,
atada na primata natureza,
contemplava a cerúlea realeza
a eterna sonhadora Humanidade...

Então, eis que não mais podendo um dia
de um Ícaro conter sua ambição,
o céu genioso enfim se renderia

à vontade voraz de criação
que no elenco da brava engenharia
conquista o ar, nas asas do Avião.

AMOR DE CORNO

Eu devo ser tratado como um verme:
qualquer castigo é pouco para corno,
conforme diz o povo; e pese o adorno
sobre a minha cabeça a entreter-me...

Quando ainda eu gozava na epiderme
o tátil gozo do teu corpo morno,
delegava ao sabão, vassoura e forno
o afeto que não pôde comover-me.

Mas neste pranto em forma de bolero,
eu me humilho até o cúmulo do brega
se ter-te novamente é o que mais quero!

Na fossa a gente vê que o bicho pega,
na lata implorarei sem lero-lero
até que desta voz não reste prega!

IMITAÇÃO DE CRISTO

Não faço apologia ao sofrimento,
nem ojeriza tenho ao mundo e ao gozo;
não sou vanguarda, nem tampouco idoso;
mas, sim, dou viva ao livre pensamento.

Da graça da fé cega estou isento,
mas da graça e fé cega sou cioso,
e almejo o Paraíso esplendoroso
prometido por todo sacramento.

Cuido, porém, que Cristo deu exemplo
ao sofrer o martírio no Calvário,
altar desta verdade que contemplo:

Será no mais extremo e perdulário
despojo, sem amparo, mãe, ou templo,
que hei de ver Deus em meu itinerário.

ARTE METAFÍSICA

Estranha arte é esta de escrever...
Sem pincel, sem cinzel a obra cresce
e toma forma, e nem forma carece
para que a outrem venha a entreter.

Um papel sujo basta ao seu mister,
um papel que no lixo alguém esquece...
Na folha rota que o desdém merece,
é nela que o poema vai nascer.

Poesia, prima-irmã da Matemática
que no papel também faz teorema,
tem ela sempre musa mais simpática.

Seguem Música e Dança o mesmo esquema,
brotando da sublime e etérea prática
qual do nada também brota um poema.

SONETO DE NASALIDADE
a Vinicius de Moraes

De tudo ao meu nariz serei atento;
e tanto e pouco e no jamais e antes,
que mesmo em face de dois elefantes
mais cause minha tromba alumbramento.

Por ele hei de viver sempre asmático
de assoar minha alma, e escarrar sua escória;
enamorado e não menos pneumático...
da sublime função respiratória.

E assim, quando mais tarde me procure
quiçá o vexame, angústia de quem vive,
quiçá a rinite, conforme Deus mande;

possa eu me dizer do nariz (que tive):
que não seja imoral, inda que grande,
mas que seja aquilino, e não pendure.

Minha Nora Vidente

Achei, de minha parte, coisa boa
os zelos e cuidados que agora
ao meu filho dispensa minha nora,
a qual varre, cozinha, e ensaboa.

Pois, antes, nem sequer mesquinha broa
degustava meu filho ao vir da aurora,
moído a sustentar a tal senhora
que ao banho não se dava, tão à toa...

Hoje em dia, meu filho passa bem:
a mulher tomou viço e se perfuma,
cuida do lar com ânimo também!

Mas a transformação se deu, em suma,
depois que um “anjo” lá chegou —de trem—
por benzer as mulheres, uma a uma!

SONETO NACIONAL

Nasceu lá no Ipiranga a pátria amada
de um povo bonachão e sempre plácido,
mas de brio resistente ao próprio ácido
gástrico a digerir a feijoada!

Fulguras, ó Brasil da caçoadada,
qual um tendão-de-Aquiles cá da América;
porque, se primas na tragédia homérica,
tua comédia é a mais esculhambada!

Mas, se ergues da Justiça a clava forte,
verás que um filho teu, se foge à luta,
o faz somente em nome da labuta;

e, ao fugir do batente até a morte,
canta mais alto seu canto guerreiro
na cadência a sambar, bem brasileiro...

DRAMA TOWARDS HEAVEN

Began the world from nothing, what so odd;
miracle is that matter came to be;
but, based on human reason, i can see
the evidence that matter is of God.

On a strange and dark, maybe winter day,
that can't be found on any calendar,
the Holy Lord full of divine regard,
began to be a poet and to say:

"Let there be light" on Earth, lyrical stage!
Since then, a human drama is the play;
the entrance is free, or a life to pay...

...A life to gain! Like ink on a blank page,
through time, goes printing the will from above,
on us, the goal of God of good of love.

LEI NATURAL

Se Humanidades faz de tudo egoísmo,
e Biológicas
essa divinal essência
a reduz a mera Química,
que salve Amor
Astronomia,
cuja providencial ciência,
da atração dos corpos
com propriedade elucida:
Gravitação Celestial.

PÉ FRIO
(ficção total)

Os sapatos vou pôr na geladeira;
explico: sempre fui muito azarado,
pois logo que nasci me foi cortado,
além do umbigo, um membro por cegueira

ou descuido ou maldade da parteira,
sei lá!; só sei que agora, mutilado,
avexo-me de só mijar sentado,
pois do contrário encharco a calça inteira...

Por conta desse corte fui cortado
de fazer na Marinha uma carreira,
nem ganhei a patente de soldado.

De Vênus não desfruto nem que queira
um beijo. Sou pé frio, e, conformado,
os sapatos vou pôr na geladeira!

A PEDRA DE NEWTON
a Carlos Drummond de Andrade

No meio do caminho tinha ein Stein,
tinha ein Stein no meio do caminho.
Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minha Física tão Clássica.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha Einstein.

PORTANTO
a Ruy Barbosa

De tanto ver vencer a nulidade
sobre o real esforço e competência;
de tanto vicejar a pestilência
num estéril jardim de humanidade;

quando mais nada vale a proibidade,
e a malícia suplanta a inocência;
de tanto padecer a dura ausência
da crença no poder da honestidade;

verificando, já sem esperança,
que a única certeza é a morte rude,
e que zombam da sua confiança;

de tanto ver a ignóbil atitude,
louvada, prosperar com abastança:
o homem vai perdendo a virtude.

À SUA IMAGEM E SEMELHANÇA

“No princípio, era o Verbo”, e o Verbo amava,
e, para amar, deu vida à criatura.
Porque ser Deus, ser Deus não Lhe bastava,
determinou a Redenção futura.

Javé, que sempre o povo Seu guiava,
sendo Senhor, desceu de tal postura
de fria impavidez que O amargurava,
pois Deus quis ser PAI, e pai de ternura.

Mas só ser pai não Lhe bastou, ainda
quis ser IRMÃO, e Se entregar exangue
nas mãos sem nexo de sinédria gangue.

E, para ser irmão, na Sua vinda,
o bom Deus recorreu à poesia:
foi FILHO de uma virgem mãe, Maria.

O BEIJO

O meu amor é coisa indefinida:
existe dentro em mim um sentimento
que oscila entre o riso e o lamento
ao compasso do pêndulo da vida.

Em tudo quanto vejo ou invento,
sempre a ternura se me faz sentida;
assim, amo a chegada e a partida,
amo a carne e o casto pensamento.

Por tudo que acontece sem razão,
ou talvez pela extrema solidão
que me faz desviar do senso reto,

em uma noite quente de verão,
o cúmulo senti do meu afeto:
enterneceu-me o beijo de um inseto!

UMA LENDA QUÍMICA

Nos manuais químicos dum laboratório
um Cloreto de Hidrogênio apaixonou-se
um dia
exotermicamente
por uma base.
Vislumbrou-a com seu olhar abrasivo
de uma reação reversível:
uma figura iônica;
olhos 2 molar, boca dativa,
corpo isobárico, seios em suspensão aquosa.
Fez da sua uma vida
à dela eletropositiva,
até que se encontraram
numa solução.
"Quem és tu?" indagou ele
em precipitado.
"Sou filha dum Alcalino, e neta do Oxigênio.
Mas pode me chamar Hidroxila, de Sódio."
E de falarem descobriram que eram
altamente reagentes.
E assim se amaram
num ciclo de oxi-redução,
oxidando
ao léu da temperatura
e da pressão
metais, não-metais, semi-metais,
por entre as colunas da Tabela Periódica.
Escandalizaram os ortodoxos
e desbancaram Lavoisier;
desmoralizaram Clayperon
e a relação de PVT.
Enfim, resolveram atingir um equilíbrio,
constituir uma família;
uma família de gases nobres!
De nobreza nada tinham;
nem um tio Xenônio,
nem um primo Hélio.
Mas o produto que tiveram
foi mais venturoso
e providencial.
No bojo dum erlemeyer,
com rendimento cem por cento
nasceram
Água e Sal.

ATLETA

Antes de vir o sol, de madrugada,
viril disposição o impulsiona
a correr até uma maratona,
apenas por começo de jornada.

Com seu porte de esfinge levantada,
o atleta os músculos abona,
e se gaba de nunca ir à lona,
pois é do Olimpo amostra coroada.

Mas por estranhas leis que o amor decreta,
por tudo que acontece sem razão,
as mulheres preferem o poeta...

De maneira que a pose de machão
só acaba por deixar o ledão atleta
mirando o espelho, doido de paixão!

A COISA
(sátira ao Simbolismo)

Coisa coisal, coisinha casual...
Coisona, que coisa mortal, que morte!
Enxoval de mortalha sepulcral
Ao léu, na Penumbra, da vida a Sorte...

Em brancas nuvens agora eternal,
Suspensa nos adocicados sons
Sem o peso das coisas do coisal...
Na harmonia veludosa dos bons.

Coisa angélica, gélida coisinha...
Absoluta coisona de um rapaz,
Meu choro cinza, triste Coisa minha...

Coisal esperança, aliança, paz!
Pertinentemente complementar,
Coisinha essencial ao pé do altar.

POESIA,
partícula expletiva

Mundos em sucessão
muitos, muitos...
cada um diverso do precedente;
outros conceitos, nova concepção;
todo instante uma verdade;
em número imensurável
arranjos,
simultaneamente
realidades
distintas semelhantes cambiantes particulares
por causa dos mundos
concupiscente
conjugação.
Assim o "lá me faz bem",
assim o "lá não suporto",
o "que felicidades!",
e aquela situação exasperante...;
todo instante
um parecer;
mundos em sucessão,
o que é vai já deixando de ser:
umas pessoas -tudo bem,
outro arranjo -também,
o mesmo arranjo e cai mal;
bom-ruim-tanto faz
-e Poesia onde cai?
Poesia e seus versos
luta, pro-
cura por
cura
a propor
em luta:
pareceres? reflexões?
indiferença dos cétricos
herméticos ven-
cidos porém!
Poesia de alguns
compunção, talvez
con-
solação
não;

a troça de outrem,
troça do próprio poeta
janela
e cai
Poesia em todo mundo em ausência
onisciência
trivi-
al tanto faz
pois toda vida
janela
e cada janela um mundo;
muitos, muitos...
e o Mundo tantos mundos
em conurbação de mentes
dementes
nos põe
em social conjugação;
e eu e meu vizinho e eu
e nosso vizinho ele
de um mundo terceiro
de sua janela terceiro mun-
dista assim como eu assim como tu
desde manhã percorre mundos a fio
(pela vida que vê de dentro
pela vida que vive fora)
no jesto mais efêmero,
aos furtivos olhares,
nas palavras soltas,
no discurso grave,
em tagarelices
tristes felizes
a cada mais volátil instante
ante
da vida as implicativas
combinações
de vida de mundos-instantes
cambiantes;
tudo sendo instantâneo,
tudo particular
—Poesia, partícula expletiva.

SONETO DO SÉCULO

(ao meu falecido avô materno José Barbosa de Oliveira, que viveu o século)

Primeiro a Física fez do universo,
que outrora foi euclidiano, curvo.
Porém, o humano senso ainda turvo
remanesceu atrozmente perverso.

Pássaros de aço transpassam os ares;
deu graça a música dos anos trinta;
mas o juvenil sangue foi a tinta
da história belicosa de pesares.

Um “Brave New World” assim foi se criando;
o mundo dividido e unificado
viu progresso inefável acelerado.

A tecnologia impõe o seu mando;
a eletrônica alcança o requinte.
Eis o turbulento século vinte!

MOVIOLA

Prepara o filme, e põe na moviola;
Eu quero apenas não querer mais nada,
A minha fita é fita rodada:
Não mais ouvidos dou à corriola.

O ceticismo que ora me isola
Já foi ingênuo amor, já foi cilada.
Adeus mulher, adeus à pátria-amada;
Puxo o bonde empurrando a carriola...

Prepara o filme, e põe na moviola;
Na edição, a tesoura enferrujada
Não há de nos servir, fica calada.

O nosso filme é bom e não enrola:
O que vale mesmo é a gargalhada,
O resto é peta, é burla, ou é piada!

APOLOGIA DO CORNO

Terei do amor um nojo rancoroso;
podia ser, por tanto que hei sofrido
em femininas teias iludido
esparro e corno, e corno não zeloso.

Mas não; sou mais ativo e valoroso
paladino fiel, mesmo abatido,
do conformismo aos cornos conferido
desde o mais novo até o mais idoso.

Não se deve temer, sendo traído,
o apodo de cabrão ou melindroso,
nem o ornato na testa já crescido.

Porque será mais vil e doloroso
nunca beijar um lábio apetecido,
e furtar-se do chifre glorioso!

SONETO DO FIM

O fim da gravidez é o nascimento;
o fim do nascimento é dar a vida;
o fim da vida é a sorte prometida
e revivida em todo sacramento.

A infância é finda com o crescimento,
que transforma a mulher bem mais querida
ao homem já viril em sua lida;
tudo a fim de que exista casamento.

O começo do fim é o Universo,
e nele começou a Humanidade,
que, um dia, começou a fazer verso.

O verso tem por fim posteridade
se o destino não der-lhe um fim perverso;
enfim, o fim do fim é a eternidade.

SONETO À SOGRA

Quem ama a mãe da esposa é destinado
a ter segunda mãe no casamento,
cujo desvelo afável faz momentos
de eternidade, eternos, conjugados.

Caminha o marido lado a lado
com os pais do querido complemento;
quem quer dessa família estar isento,
não pode ter seu próprio clã honrado.

Ser mãe de um ser amado é dom divino,
se santo é o próprio Amor que nos dá a Vida
que vem da Virgem Mãe do Céu querida.

Portanto, aqui redijo um ledó hino,
se tal subido lastro um genro logra
expondo como é bom amar a sogra.

MOSAICO

Vejamos se não é a nova aurora,
a aurora infinda, o dia tão bem quisto
que pano deu pra manga se haja visto
o Terço do Perpétuo, de hora em hora,

a leva de profetas que apavora
na Bíblia a esperar o Santo Cristo,
e a ânsia pró parúsia no previsto
raiar do dia eterno, que é o agora.

Adão pecou, não foi em vão, não foi,
porque, neste dramático cenário,
civilizou-se o mundo pelo mal

e pelo bem, estampa feita a dois,
a fim de, num mosaico itinerário,
sentirmos o valor do Bem final.

Nhandeara, 17 de julho de 2013

COMO TROLLAR SEU IRMÃO

Nestas casas populares,
vive o povo ensimesmado
no aconchego dos seus lares,
pelo Estado encaixotado.

Sei que, mesmo a manejares
um computador ligado,
ou, de há muito, lá nos bares,
tens a Imprensa rechaçado.

Sei que, se não acatares
todo farnel encilhado,
sentirás os calcanhares
do capataz ao seu lado.

Sorte desfaz-se em azares
no voto, ao que é computado,
e vai-se assim pelos ares
o circo que é sempre armado.

Nestas casas populares,
residem feito guardados
muitos pares de oculares,
são o mundo ensimesmado.

Mas o meu par de oculares
vê a Imprensa e vê o Estado
fazer festas populares
em que o povo é que é trollado...

Até mesmo os militares
pelos maus são difamados,
pois em casas populares
vivem também os soldados.

Gratuitos, sim, aos milhares,
de óbitos atestados

ajudam familiares
pros caixões serem quitados.

As famílias, nos seus lares,
num viver displanejado,
também criam aos milhares
descendência, feito gado.

E, apesar de seus pesares,
se são toda vez pilhados
por ladrões tão similares,
continuam bem guardados
no aconchego dos seus lares
estes cidadãos trollados
pela Imprensa e pelo Estado,
pela Máfia e Além-mares.

Nhandeara, 18 de julho de 2013

Rendição

Flameja uma bandeira
No campo de batalha.

Não quer mesmo que queira
Da pátria a mortalha.

Junto à bandeira arqueja
Um soldado que manca.

No horizonte flameja
Uma bandeira branca...

FUNERAL DA FILOSOFIA

A Filosofia é pretensiosa e inútil.

É pretensiosa porque tenta explicar o Universo do qual o filósofo é rele criatura; e mais: tem a intensão de aperfeiçoar o mesmo Universo, o que implica em um absurdo: a criatura aperfeiçoar o criador.

Afirmo que a Filosofia é inútil: em que o ser humano hodierno é mais feliz que "Adão e Eva", alegoria da Humanidade pré-histórica? Vivíamos no Paraíso. Violou-se a "árvore da sabedoria", ou seja, passamos do raciocínio prático para a especulação científica. Vivemos a Civilização. E basta observar a troca de palavras para lamentarmos quão descomunal foi nosso prejuízo: antes Paraíso, agora Civilização. Antes tínhamos um Deus (ou divindades), agora queremos ser Deus e, sendo que nunca o seremos, perdemos o caminho e o guia.

Paradoxalmente, a Filosofia prova sua perversidade: deu-nos a Civilização para depois apontar toda a miséria das relações civilizadas.

Todo o conforto da Ciência não vale o Paraíso perdido. Tínhamos a suprema sabedoria de não pensar para além da nossa fome; hoje nossa estultícia criou uma fome insaciável: a vaidade da Transcendência.

Ao mesmo tempo que a Transcendência parece libertadora ao rejeitar qualquer dogmatismo e ao considerar o ser humano como um "projeto infinito", este ideal de seguir sempre o "além-do-homem" não tem fundamento. Teria fundamento se o mundo fosse eterno, mas nem nosso planeta nem o Universo são eternos; a Ciência mesma o diz: por mais que a tecnologia consiga aproveitar a energia do Universo a favor da vida, esta energia se esgotará em um equilíbrio estagnado e estéril. De modo que considerar o raciocínio como instrumento de "perpetuação da espécie" não faz sentido, pois não há o que se perpetuar, não há eternidade para a matéria viva. O raciocínio só é proveitoso quando promove a felicidade, ou seja, quando é usado para resolver problemas imediatos ao bem-estar fisiológico e afetivo. Assim, a Filosofia poderia satisfatoriamente limitar-se a pregar: achemos o que comer, e brinquemos igual crianças. Pensar além disso é buscar complicações artificiais e construir torres de Babel a embargar o caminho singelo da alegria. O ser humano tem o dom da consciência que o permite saber se é feliz; contemplar a felicidade é o melhor uso da consciência. Mas o fato é que a Civilização aí está com a dinâmica social de produção. E produz o quê? Produz inúmeras coisas, mas jamais produziu felicidade natural. Com certeza produz o vazio existencial, cada pessoa sendo transformada em peça da máquina econômica. Restou à consciência corromper-se: deixou de contemplar a felicidade que a Natureza lhe dava de graça, para lamentar a angústia que a Civilização lhe vende cobrando caro.

Contudo, só resta remediar o mal imperante; tentar reverter o processo civilizatório seria utopia: quem, por exemplo, se dispusesse a viver numa

comunidade indígena autêntica, estaria à mercê da civilização predatória. No mais, onde quer que ele vá, o civilizado já vai contaminado por sua cultura. Como disse, resta remediar o mal; escarnecedoramente, um remédio é a Filosofia: do veneno se faz o antídoto. O outro remédio, mais forte e eficaz, ainda que compatível apenas com os privilegiados da Fé, são as religiões.

Mas, fora de qualquer religião, tenho fé na benfazeja indiferença à Civilização e seus problemas. Serei um pré-histórico. Convivendo com a Civilização por necessidade, usarei do raciocínio apenas para o gozo imediato da existência. Aqui eu preparo um funeral, e os pensamentos que seguem arquivados neste livro são as flores murchas do passado que ofereço neste funeral: o Funeral da Filosofia.

Monções, SP, (sítio de minha tia Olézia), 6-dezembro-2001

TEOLOGIA DA COMPUTAÇÃO

O vivente sem um braço mantém a consciência de si, o braço não contém a sua essência. O vivente sem os olhos mantém a mesma consciência, os olhos não contêm a sua essência. O vivente que perde parte do cérebro, e volta a si, não tem sua essência em todo o cérebro, mas em alguma parte do que lhe sobrou do cérebro.

Daí, se isolássemos a parte do cérebro que detém a consciência de si do cidadão, e a mantivéssemos em condições vitais, estaríamos preservando a essência de um ser humano e o mantendo realmente vivo?

Então haveria de ser um pedaço de massa encefálica o ser humano em si, a sua essência?

Talvez, esta parte de cérebro seja um magnífico hardware onde atue o software que tenho por costume denominar alma.

E, caso este software não saia do hardware após a pane geral e cabal, será possível que uma espécie de antena transmita, em tempo real on-line, atualizações do vivente para um back-up superior? (Nhandeara, 29 de junho de 2012)

A gente não é fisicamente e quimicamente o mesmo que era na infância, ou mesmo há alguns dias atrás; os elementos de nosso corpo mudam e se renovam com o passar do tempo; mesmo o cérebro, que se mantém mais estável, muda e se renova com o tempo, conexões são feitas e desfeitas a cada instante entre os neurônios, e os elementos químicos entram e saem de lá.

De maneira que o hardware cerebral altera-se com o tempo, enquanto que o software alma mantém-se o mesmo; por isso mantemos a unidade da consciência de nós mesmos durante a vida, somos a mesma alma do começo ao fim da vida. (Nhandeara, 4 de julho de 2012)

— BACK-UP DA ALMA:

A memória do vivente é fixada no hardware cérebro, determinados danos ao cérebro levam a perdas de memória irreversíveis, de modo que a

alma em si não tem memória alguma; daí a necessidade de um back-up da memória cerebral ser transmitido em tempo-real on-line para um HD além do vivente, se for haver vida após a morte, seja ela espiritual ou em reencarnação do corpo com restauro da memória pregressa.

Quanto ao fato de o software alma estar presente para o funcionamento do hardware cérebro, parece correto afirmar que sim, pois, do contrário, o vivente não teria noção de si mesmo, não haveria consciência, e o cérebro funcionaria sim, mas como matéria viva sem uma visão externa de si mesma, como uma fileira de dominós que seguem derrubando-se uns aos outros sem transgredir a lei da causa e efeito: sem um dedo externo ao sistema que cesse a queda em seqüência, por exemplo.

Portando, penso que a alma é necessária para o funcionamento cerebral, mas não possui memória em si mesma, senão em um back-up alheio à alma para restauro da mesma em um corpo ressuscitado no qual confluam a mesma alma e memória, memória esta a ser copiada do back-up da memória da primeira vida.

Ou também podemos ser imagem e semelhança de Deus sendo essencialmente a consciência que dá sentimentos e noção contemplativa do mundo e de si ao vivente.

Nhandeara, 27 de julho de 2012

— DUALIDADE SOFTWARE-HARDWARE DA ALMA

Conforme já exposto, a alma tem papel de software sobre o hardware cérebro. Contudo, no feto, ocorre a dualidade da alma, em que a alma exerce função tanto de software quanto de hardware: A alma é hardware ao atuar sobre o software DNA, fazendo com que as informações do DNA resultem em ações materiais na formação do cérebro; e a alma é software já atuando no cérebro do feto. Disto, pode-se supor que a cada célula que nasce em qualquer parte do corpo há atuação da alma enquanto hardware, e mesmo a reprodução de seres unicelulares são orquestradas por alguma forma de hardware que lê o software DNA.

Nhandeara, 15 de setembro de 2012

CICLO DE INDÍCIO

De dia, ensina o Sol que há muita vida,
e a luz que vem do céu é sua fonte,
desde a hora em que nasce no horizonte,
sangüíneo, até a pálida partida...

De noite, a treva morte é preludida:
ausência, um vento frio de trás do monte,
uivando, cessa no oco sob a ponte,
e a Lua-Nova é lua suicida.

Mas nasce o Sol de novo, numa boa,
e assim faz todo dia há um tempão,
de modo que, de noite, o dia ecoa!

Conforme a luz sucede a escuridão
em um ciclo de indício não à toa,
é natural haver ressurreição.

TEA FOR TWO

O coito tem início num abraço;
a moça, com a coxa, acorda a pica,
que ascende até o umbigo, e a moça indica
querer uma chupada no regaço...

Porém da greta escorre-lhe o melão
ao ser abocanhada na mamica,
e, estremecendo, de joelhos fica,
num cio sadio, alheio ao embaraço.

A glande a penetrar-lhe é o gosto tátil
dos lábios e da boca vaginal
que endurece por dentro, estruturada.

E o ar que pesa úmido é volátil
se sôfrego é o enlace conjugal,
até que no regaço ela é chupada.

Nhandeara, 19 de agosto de 2013

FESTA DOS NOSSOS TRAPOS COLORIDOS

A roupa no varal secou à espera
daquela que não veio nunca mais,
seus trapos coloridos festivos
celebram, desbotando o amor quimera.

E os versos que cantaram noutra era
flutuam como nuvens estivais,
talvez sinalizando a esses casais
de agora que o lirismo regenera.

Que percas, para o mundo, a tua fé;
que esqueças o teu grande amor na vida;
nem tenhas mais certeza do que és.

Porém, se achar lirismo a dor sentida
de tudo quanto fere em ti teu eu,
serás feliz, sereno, e aos pés de Deus.

Nhandeara, 7 de setembro de 2013

CARNAVAL EM VENEZA

Mas acho que afinal não acho não,
porque o poema acaba, e continua
o poeta, o planeta, o sol e a lua,
contudo, céu e terra passarão.

Bobagem é você fazer questão,
pois tudo quanto é orbe lhe insinua:
o fim é recomeço, isto pontua
o dia, o ano, e até seu pé no chão.

Se, nascendo, morremos, vale o oposto:
depende do seu fim a ferramenta,
e somos nós forjados para o gosto

sentir do Criador, que Se apresenta
a cada criatura, em cada rosto
a fim de nos salvar de forma isenta.

Nhandeara, 12 de setembro de 2013

ESCULTURA CONTEMPORÂNEA

O código de barras coronário
é lido, e transferido pra uma tela
na qual a silhueta se revela
da fêmea mais audaz no porte vário.

E, em meio a tecnológico cenário,
imprime-se em 3D, inculta e bela,
a Vênus do ideal, agora, aquela
mulher, nascida adulta e sem berçário.

Contudo é gesso... Amigo, é apenas gesso
nas mãos de um escultor contemporâneo;
por isso, eu prego-lhe o martelo, e esqueço!

Disseram “parla!”, e o não foi instantâneo
por muito mais que aqui eu nem mereço,
mas ela pinta e borda no meu crânio...

Nhandeara, 13 de setembro de 2013